

BOB BUFORD

A ARTE
DE VIRAR
O JOGO

— *no* —

SEGUNDO
TEMPO
DA VIDA

A P R E S E N T A Ç Ã O

PETER DRUCKER

A ARTE DE VIRAR O JOGO NO SEGUNDO TEMPO DA VIDA
CATEGORIA: LIDERANÇA / GESTÃO

Copyright © 1994 por Robert P. Buford.
Publicado originalmente por Zondervan, Mkhigan, EUA.

Título original: **Halftime**
Coordenação editorial: *Silvia Justino*
Preparação de texto: *Rodolfo Ortiz*
Revisão: *Geuid Jardim*
Supervisão de produção: *Lilian Melo*
Capa: *Douglas Lucas*

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *A Bíblia Anotada* (vento Almeida Revista e Atualizada), salvo indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro. SP, Brasil)

Buford, Bob

A arte de virar o jogo no segundo tempo da vida / Bob Buford —
traduzido por Laura Bacellar. — São Paulo : Mundo Cristão. 2005.

Título original: Halftime.

Bibliografia.

ISBN 85-7325-423-8

1. Administração 2. Auto-realização — Aspectos religiosos —
Cristianismo 3. Empreendedorismo 4. Liderança 5. Meia-idade —
Aspectos psicológico 6. Meia-idade — Vida religiosa 7. Sucesso I. Título

Índice para catálogo sistemático:

I. Vida cristã : Cristianismo 248.4

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:
Associação Religiosa Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79 — CEP 04810-020 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (II) 5668-1700 — Home Page: www.mundocristao.com.br

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publisher

1ª edição brasileira foi publicada em novembro de 2005. com uma tiragem de 5.000 exemplam. Impresso no Brasil.

Sumário

Apresentação.....	4
INTRODUÇÃO	7
Abrindo a câmara mais sagrada do coração	7
Primeira parte	10
O primeiro tempo	10
Ouvindo a voz mansa	10
A hora da conversão inversa	15
Uma estação de busca e auto-ajuda.....	18
O pânico do sucesso	21
Localizando o princípio motor	23
“Adeus, Ross”	26
Segunda parte	30
O intervalo	30
Fazendo um balanço.....	30
Você acredita em quê?	36
Encontrando aquela única coisa	38
Do sucesso ao significado	41
Encontrar o centro e ficar nele.....	45
Ficar no jogo, modificando o plano.....	49
Curvas sobrepostas	55
Pular no abismo	58
Terceira parte	61
Segundo Tempo	61
Missão de vida.....	61
Retomando o controle	64
Individualismo saudável	70
Aprender durante toda a vida	74
Respeitar os fatores externos	79
Jogar com tudo	82
Uma proposta meio a meio	84
Um Caso Brasileiro	87
O impacto que esse livro causou em minha vida	87
Agradecimentos	90

Apresentação

Este é um livro muito incomum, para não dizer único. Ao menos, não tenho conhecimento de nenhum outro que se assemelhe a ele de alguma maneira.

Como autobiografia de um homem incomum, ele é imediatamente acessível ao leitor, que o lê com imenso prazer. E o relato de um começo incerto, de um garoto que, com apenas onze anos, após a morte prematura do pai, teve de assumir o fardo de ser o “*homem da casa*”; é um relato de grandes privações, de visão e determinação, de tristezas e êxitos.

Se isso em si é interessante, o elemento incomum reside em que Bob Buford é uma das pouquíssimas pessoas que conheço que, ainda adolescente, parou para pensar quais eram os seus pontos fortes. O que, via de regra, é feito apenas por alguns poucos artistas. Ainda mais incrível, quando Bob compreendeu que as habilidades especiais que Deus lhe dera não correspondiam ao que ele realmente *queria* fazer, teve a honestidade intelectual e a coragem de dizer para si mesmo: *É meu dever e minha missão pôr em prática o que sei fazer bem, ao invés de fazer aquilo que gostaria de fazer*. Por ter chegado a esta conclusão, Bob se tornou um empreendedor e um homem de negócios bem-sucedido.

Contudo — e na minha experiência isto realmente não tem precedente — Bob nunca esqueceu a sua visão original e nunca sacrificou seus valores pelo altar do sucesso. Ele se recusou a desistir das ambições juvenis como se fossem meros sonhos de criança. Manteve-se concentrado nas obrigações profissionais, mas nunca perdeu de vista as montanhas longínquas. Quando, depois de trinta anos de trabalho incansável, alcançou um lugar onde lhe sobrava algo de tempo e dinheiro, voltou a considerar como poderia realizar aquilo que tivera vontade de fazer trinta anos mais cedo. Desta vez, podia contar com a fortaleza, a experiência e os conhecimentos acumulados ao longo dos anos.

Nesse momento da vida, muitos se aposentam. Entretanto, Bob compreendeu que gostava do seu trabalho, amava-o até, e era muito bom no que fazia. Sabia que deveria continuar, mas também decidiu que tinha chegado a hora de construir uma carreira paralela em que as suas fortalezas, a sua experiência e o seu dinheiro estivessem a serviço de um compromisso profundo de fortalecer a presença de Deus na Terra.

Este livro é muito mais do que uma autobiografia. Sem pregar, sem tentar ser “acadêmico”, sem estatísticas ou gírias douradas, aborda o desafio *social* fundamental de uma sociedade desenvolvida e próspera.

Não há muito tempo, quando nasci, poucos anos antes da primeira guerra mundial, poucas pessoas chegavam a viver além do que hoje consideramos a meia-idade. Ainda em 1929, a esperança de vida média nos EUA não chegava aos cinquenta anos, enquanto meio século mais cedo estivera em torno de 35 anos. Contudo, hoje a esperança de vida da grande maioria dos americanos, como a dos habitantes dos países desenvolvidos em geral, é duas vezes maior do que a dos nossos bisavós.

Não menos importante, pela primeira vez na história, hoje um número muito grande de pessoas tem a possibilidade de se tornar um “sucesso”, algo que no passado era praticamente desconhecido. Sucesso não significa necessariamente acumular uma riqueza substancial, ou atingir grande popularidade. Significa alcançar algo que em outros tempos as pessoas simplesmente não chegavam a conhecer: a realização pessoal, seja como professor universitário, como médico ou advogado, como executivo ou profissional numa organização, como administrador de hospital: todas funções que no começo do século passado não existiam ou eram tão raras que não chegavam a ser socialmente significativas.

Naquela época, o trabalho era um sustento, não uma escolha de vida. O trabalhador na siderúrgica, o camponês na roça, o operário na linha de montagem, o vendedor na lojinha de bairro — todas pessoas em formas de emprego tradicionais — não teriam nenhum problema em se aposentar após trinta anos de carreira, se isso não prejudicasse o seu sustento. Eles não sentiam falta do seu trabalho, porque nunca representara nada além de um meio de arrumar a próxima refeição ou de comprar os sapatos dos filhos.

Hoje, muitas pessoas têm a expectativa de chegar aonde Bob Buford chegou: a gostar de seu trabalho, melhorar com a idade, não querer se aposentar mesmo quando a sua situação financeira o permitir. Um número grande e cada vez maior de pessoas — a quem chamo de “trabalhadores do conhecimento” não alcançaram apenas um nível econômico maior do que em qualquer outra época da história, como também conquistaram um patamar infinitamente maior em termos de realização pessoal. Apesar disso, porém, chegam aos 45 anos de idade e o trabalho que conhecem não apresenta mais nenhum desafio. Eles precisam de novos estímulos.

Quando primeiro percebi isso, há uns vinte ou trinta anos, pensei que seriam multidão as pessoas que fossem abraçar uma segunda carreira, por exemplo deixando de ser *controller* de uma grande empresa para passar a exercer uma função semelhante numa instituição sem fins lucrativos. Eu estava errado e Bob Buford mostrou o meu erro. A grande maioria dessas pessoas não quer deixar o que estão fazendo e sabem fazer bem. Contudo, também não sentem a necessidade de acrescentar aquilo que Bob chama de “a outra metade de suas vidas”, o que eu chamaria de “carreira paralela”. Eles querem encontrar uma esfera em que possam servir seus valores pondo em prática o que eles sabem fazer bem, utilizando as forças, o conhecimento e a experiência que já acumularam.

Estes são desafios novos e sem precedentes, como já disse. E este livro é o primeiro de que tenha conhecimento em apresentá-los de maneira exemplar, mostrando como têm de ser abordados. É pioneirismo de primeira ordem; é análise social de primeira grandeza. E é também um livro de primeiríssima ordem. Sejam quais forem os valores e os compromissos de cada um — e não precisam ser os mesmos de Bob Buford —, este livro deve ser o catalisador para todos os beneficiários das duas grandes evoluções sociais do século passado: o aumento da duração de vida (sobretudo da vida útil) e o fato de que hoje é possível ser um “sucesso” e fazer com que a atividade que gera o nosso sustento se torne uma escolha de vida significativa.

Este é também um importante livro *político*. Cada vez mais compreendemos que o Estado moderno não tem a capacidade de dar conta dos problemas comunitários e sociais. Existe uma consciência cada vez maior da necessidade de um novo setor — denominado por vezes de “sem fins lucrativos”, “terceiro setor”, “sociedade civil” ou (minha preferência) “setor social”. Neste setor, a cidadania vivida como “voluntariado” volta a ser uma realidade, ao invés de ficar limitada a um ritual que consiste em votar de vez em quando e pagar os impostos. O livro de Bob aponta para a solução do maior desafio político da sociedade desenvolvida: a de que o sucesso na meia-idade pode ajudar a restaurar o corpo político da sociedade para que funcione, seja eficaz e reafirme os valores fundamentais da democracia e da vida comunitária.

Este é também um livro *religioso* que chega no coração de um dos maiores desafios dos Estados Unidos: o papel da religião e da cristandade na sociedade e na vida das pessoas. A maioria das igrejas tradicionais americanas estão perdendo fiéis há trinta ou quarenta anos. Entretanto, o fato surpreendente não é que as igrejas tenham perdido fiéis, e sim que perderam tão poucos! Pois antigamente — e antigamente significa não mais do que cinquenta ou sessenta anos — as pessoas em muitos casos iam à igreja por pressão social, muito mais do que por livre escolha.

Quando cheguei aos Estados Unidos nos anos trinta, como jornalista correspondente de um grupo de jornais britânicos, freqüentar a igreja era atividade obrigatória. O pedido de financiamento imobiliário que preenchemos poucas semanas após chegarmos ao país — em um bairro de classe média de Nova York que não se caracterizava como “religioso” — requeria duas referências, uma das quais tinha de ser obrigatoriamente a do pastor da igreja que freqüentávamos. Quem não tivesse essa referência não conseguiria o financiamento. Ainda 25 anos mais tarde, no início dos anos cinqüenta, nas cidades pequenas e nas zonas rurais, quem não freqüentasse a igreja não conseguia um empréstimo bancário ou um bom emprego.

Essa pressão social hoje tem desaparecido, o que não implicou um declínio catastrófico do número de fiéis que freqüentam as igrejas, como era de esperar. Houve um declínio, porém modesto — e até insignificante se o compararmos com o que aconteceu na Europa —, enquanto o crescimento de novas grandes “igrejas pastorais”, que agregam fiéis duas ou três vezes mais depressa que as igrejas tradicionais os perdem, representa um contraponto à tendência de queda. Os Estados Unidos, em outras palavras, ainda permanecem um país essencialmente cristão, e as igrejas começam a aprender como atender aos fiéis de hoje: pessoas que não vão à igreja por obrigação, e sim por uma escolha consciente e sincera.

Bob compreendeu isso cedo, com toda a agudeza que o caracteriza. A sua *Leadership network* [Rede de liderança] foi um catalisador que ajudou as grandes igrejas pastorais a trabalhar eficientemente, identificando seus problemas principais e tornando possível a própria perpetuação (o que nunca acontecera com as igrejas pastorais que as precederam), além de ajudá-las a focar a missão apostólica, testemunhar e de organizadoras de serviços comunitários essenciais. E hoje ele está ampliando esse trabalho para muitas outras igrejas, incluindo as de médio porte, não como pregador, e sim como empreendedor que transforma energias latentes em atuação concreta.

Por último, este livro pode e deve ser lido como uma história de evolução do conhecimento para a sabedoria, de educação intelectual e espiritual. Histórias como esta são bem raras, costumam ser muito mais cativantes, importantes e instrutivas do que relatos de aventuras mirabolantes ou de façanhas românticas. Estas são as histórias necessárias para os que chegaram na metade do seu percurso de vida, os que atingiram o sucesso pelas suas realizações — exatamente como os mais jovens precisam de contos de ficção sobre fatos heróicos e amores românticos.

Concluindo, este livro deve ser e será lido em vários níveis. É um livro que dirá coisas diferentes a pessoas diferentes. Contudo, é um livro que terá um significado e uma mensagem para todos os que abrirem suas páginas.

Peter F. Drucker

INTRODUÇÃO

Abrindo a câmara mais sagrada do coração

Nenhum de nós sabe quando vai morrer. Entretanto, qualquer um pode, se quiser, escolher seu epitáfio. Eu escolhi o meu. Preciso admitir que pensar na própria tumba enquanto se está cheio de vitalidade é uma coisa meio sombria. Esse é precisamente o pensamento, uma imagem nítida que se desenha na mente e no coração e ao mesmo tempo uma inspiração gloriosa e um desafio de proporções épicas para mim:

100 X

Significa cem vezes. Escolhi esse epitáfio baseado na parábola do semeador, em Mateus 13:3-9. Sou um empreendedor e quero ser lembrado como a semente que foi plantada em solo bom e se multiplicou cem vezes. É assim que desejo viver. É assim que tento expressar as minhas paixões e os meus compromissos mais profundos. É assim que visualizo o meu legado. Quero ser um símbolo de maior rendimento, na vida e na morte.

Santo Agostinho disse que perguntar a si mesmo qual será o próprio legado — *Pelo que gostaria de ser lembrado?* — é o começo da idade adulta. E isso que fiz ao escrever o meu próprio epitáfio.

Afinal, um epitáfio deveria ser algo mais do que uma sentença bonita, esperançosa, escolhida sob medida. Se for honesto, terá algo a dizer sobre quem você é na essência da sua personalidade e da sua alma.

O que mora na câmara mais sagrada do coração é, creio eu, um presente que todos recebemos do nosso Criador. E uma maneira de expressar a convicção de que os seres humanos são algo mais que animais ou máquinas. É uma confissão de que somos seres espirituais com um propósito e um destino. E um lembrete divino de que somos feitos, milagrosa e maravilhosamente, à imagem e semelhança de Deus.

Você pode achar que o meu epitáfio 100 X é uma quimera, o que em parte também deve ser verdade. Ao escolher um epitáfio que expresse gratidão pelo seu talento especial — e um objetivo ao qual você irá se sentir vinculado até descansar, por fim, debaixo do túmulo —, você se identifica como alguém que tem motivação e paixão gravadas permanentemente no código da sua vida.

A parábola do semeador chega no coração dos meus sonhos e no centro das minhas experiências. E a força que dá vida a este livro. A minha paixão é multiplicar tudo o que Deus me deu e, assim fazendo, devolvê-lo. E gostaria de encorajá-lo a fazer a mesma coisa. Não quero que você seja a semente que caiu à beira do caminho, ou em solo rochoso, ou que foi sufocada pelos espinhos. Tal semente tinha o potencial de dar frutos, mas as circunstâncias impediram que o fizesse.

As minhas circunstâncias forneceram solo úmido e fértil, onde eu pude crescer. Foi um ambiente afortunado, que representou um fator crítico para a minha história. Meu relato não é o de um homem que se fez sozinho, nem o do menino pobre que conquistou a riqueza, ou qualquer outra fantasia aventureira. Tive muito mais oportunidades de crescimento, desenvolvimento pessoal e ganho financeiro do que a maioria dos americanos.

Por um lado, pode-se dizer que tive sorte, pois realmente ganhei muita coisa que me servia para realizar o meu trabalho. Entretanto, se você acreditar, como acredito,

que “a quem muito é dado, dele também muito é requerido”, então começará a intuir o quanto o meu epitáfio é desafiador.

E o seu epitáfio? O que você recebeu e o que você vai fazer com isso durante o restante da sua vida?

Recentemente, comecei a olhar para a minha vida através da metáfora de um jogo de futebol (mas pode ser qualquer esporte que divida a ação em dois tempos). Até os meus 35 anos, eu estava no primeiro tempo do jogo. Aí, certas circunstâncias fizeram com que eu entrasse no intervalo. Hoje estou jogando o meu segundo tempo e o jogo está se tornando fantástico. Durante esse tempo todo, cheguei à conclusão de que a segunda metade da nossa vida deveria ser a melhor metade — que pode vir a ser um verdadeiro renascimento pessoal.

Durante o primeiro tempo da sua vida, se você for como eu, é provável que não tenha tido tempo para pensar sobre como iria passar o resto da vida. Provavelmente você se formou na correria, se apaixonou, casou, embarcou numa carreira profissional, galgou escalões e adquiriu muitas coisas que ajudaram a tornar a sua viagem mais confortável.

Você jogou duro no seu primeiro tempo. Talvez estivesse até ganhando, só que, mais cedo ou mais tarde, começou a se perguntar se era de fato isso mesmo que você queria. De alguma maneira, acompanhar o resultado do jogo já deixou de ser o prazer que era antes.

Talvez você tenha levado alguns tombos feios. A maioria dos seres humanos não chega ao intervalo do jogo sem ter vivenciado a dor. Dor braba. Divórcio. Excesso de álcool. Falta de tempo para ficar com os filhos. Culpa. Solidão. Você tinha boas intenções ao começar o primeiro tempo, como muitos bons jogadores, mas no caminho se desviou.

Mesmo se no seu caso a dor foi leve, você é esperto o suficiente para perceber que não pode jogar o segundo tempo como fez o primeiro. Em primeiro lugar, não tem mais a energia que antes tinha. Recém-formado, você enfrentava, sem trauma, expedientes de catorze horas e sessões de trabalho nos finais de semana. Tudo isso fazia parte do seu plano de jogo para o primeiro tempo, algo quase que inevitável para que você tivesse a esperança de ganhar. Hoje, entretanto, você anseia por algo maior do que o sucesso.

Também há de se considerar a realidade do próprio jogo: o relógio não para. O que antes parecia tão longe quanto a própria eternidade, hoje está perto. E se por um lado você não tem medo do fim do jogo, também quer garantir um bom final, em que vá deixar alguma herança que ninguém poderá lhe tirar. Se o primeiro tempo foi busca por sucesso, o segundo tempo é uma jornada para o significado.

O jogo é ganho ou perdido no segundo tempo, não no primeiro. É possível cometer alguns erros no primeiro tempo e ainda prevalecer no final, mas será mais difícil fazer essa virada quando o segundo tempo já estiver em andamento. Na segunda metade do jogo, você deveria conhecer, finalmente, o material de que dispõe para conduzir a sua luta. E conhecer também o terreno do jogo: o mundo em que vive. Você vivenciou a vitória na medida certa para saber o quanto o jogo é difícil na maioria das vezes, e também o quanto parece fácil quando as condições são exatamente favoráveis. Vivenciou dor e decepção na medida certa para saber que perder alguns ensejos pode ser frustrante, mas que a perda é superável e às vezes permite descobrir o melhor de si.

Algumas pessoas nunca chegam ao segundo tempo; muitos nem sabem que existe. A opinião que prevalece na nossa cultura é que ao atingir mais ou menos os

quarenta anos de idade, inicia-se um período de envelhecimento e declínio. Acasalar idade com *crescimento* parece até ser uma contradição em termos. Essa idéia é uma lenda em que me recuso acreditar, e quero ajudar você também a se libertar dela.

Não sei em que momento do jogo você está. Se estiver com vinte e poucos anos, provavelmente o chute inicial acabou de ser dado e você está encarando um empolgante primeiro tempo. Muitas das coisas que escrevo devem parecer bem longínquas para você, mas não coloque esse livro num lugar onde não o possa encontrar mais tarde, pois o primeiro tempo vai se desenrolar muito mais rapidamente do que você imagina.

A maioria de vocês provavelmente está se aproximando do fim do primeiro tempo. Contam com idade entre 35 e 45 anos e alguma coisa esteve lhes dizendo que não podem continuar jogando como o fizeram até agora. Este livro é mais especificamente para vocês.

Alguns de vocês podem até estar no segundo tempo, mas nunca pensaram nisso desta forma. Como bom centroavante, você esteve arremetendo lealmente o tempo todo. Este livro poderá levá-lo a pedir um tempo, ir para a bancada e fazer um balanço, pois nunca é tarde demais para mudar o seu plano de jogo.

Não importa onde você está, convindo-lhe, nas próximas páginas, a se desfazer da idéia de que o segundo tempo da sua vida nunca será tão bom como o primeiro. Ao invés de desistir e aceitar que a vida lhe imponha seus próprios termos, perceba que você está pronto para novos horizontes e novos desafios. Pronto para evoluir do simples sucesso ao significado — para escrever o seu próprio epitáfio —, ousando acreditar que o legado que você irá deixar nesta vida acabará sendo muito mais importante do que qualquer coisa que você possa ter realizado no primeiro tempo da sua vida.

Primeira parte

O primeiro tempo

O verdadeiro teste de um homem não é quando assume o papel que quer para si, mas quando assume o papel que o destino escolheu para ele.

Vaclav Havel

1

Ouvindo a voz mansa

E eis que soprava um grande e forte vento, que tendia os montes e quebrava as penhas diante da face do SENHOR; porém o SENHOR não estava no vento; e, depois do vento, um terremoto; também o SENHOR não estava no terremoto; e, depois do terremoto, um fogo; porém também o SENHOR não estava no fogo; e, depois do fogo, uma voz mansa e delicada.

1Reis 19:11b, 12

Nunca prestei atenção em minha vida. Honestamente, só comecei mesmo a fazê-lo depois dos quarenta anos, quando me achei em estado de pânico relativamente a meu sucesso. Eu era presidente e diretor-geral de uma companhia de televisão a cabo muito bem-sucedida. Estava plenamente compromissado, num casamento bom e dinâmico. Tínhamos um filho que era — não há melhor maneira de dizê-lo — um prêmio.

E, naturalmente, havia algo que me atormentava. Como era possível ser tão bem-sucedido, tão afortunado, mas profundamente insatisfeito?

Tinha perfeito conhecimento daquilo em que acreditava em termos de estratégias e práticas comerciais, relações familiares e a importância dos amigos. Contudo, ainda não tinha decidido como iria conciliar todos esses interesses conflitantes.

Quanto à questão mais importante, a minha vida de fé, eu sabia no *que* acreditava, mas não sabia realmente o que planejava *fazer* com aquilo em que acreditava.

Foi então que comecei a me debruçar sobre o que eu queria do segundo tempo da minha vida. Tinha-se apoderado de mim uma idéia ainda sem forma, porém obsessiva, segundo a qual deveria tornar a minha vida verdadeiramente produtiva, e não apenas lucrativa. Comecei a considerar as implicações das estações da minha vida e a escutar o som da mansa tranquilidade que estala inesperadamente depois do fogo.

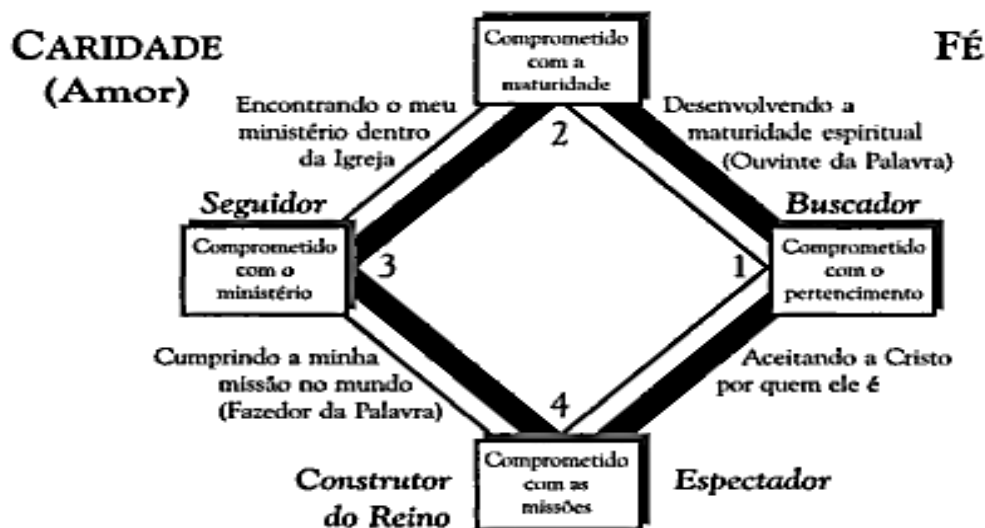
Comecei a me fazer perguntas como estas:

Na Bíblia, Jesus Cristo pregou que ele veio para que os seus seguidores tivessem vida abundante, a mais plena possível. É um sentimento maravilhoso. A minha impressão é de que este fato não é compreendido por muitas pessoas que acham que a religião é restritiva e repressiva e acreditam que Jesus veio para desaprovar, repreender e dizer "não".

O Jesus que eu chegara a conhecer e amar estava me guiando para os caminhos de uma vida ampla, não pequena nem estreita. Ele estava me pedindo licença para dizer um forte "sim" a uma vida cheia de significado.

Eu estava ocupado demais para prestar atenção, então não ouvi o seu sim durante o meu primeiro tempo.

Para mim a questão não era fé. Eu recebera o dom da fé em Deus ainda com pouca idade. Durante a maior parte do meu primeiro tempo eu estava, entretanto, "parado na segunda base", para usar uma metáfora do beisebol. Veja o seguinte diagrama:



Continuando com a linguagem do beisebol, a primeira base representa fazer o simples passo infantil de abraçar a fé. Para mim, foi uma simples aceitação de que o que Jesus disse na Bíblia sobre si mesmo era verdade. Esse passo envolve o que Kierkegaard chamou de "salto de fé". A fé não nega a razão, mas é diferente da razão. Ela aceita, como um presente de Deus, um outro conjunto de capacidades. Sem fé, somos meros espectadores das vicissitudes do coração e da alma. Com fé, podemos nos utilizar das outras duas capacidades, os nossos sentidos racionais e emocionais, na jornada até a segunda base.

Para mim, a jornada até a segunda base teve tudo a ver com a fé. Afetou primeiro o coração e depois a mente. Ultrapassar a segunda base significou deixar de ser o que a Bíblia chama de "ouvinte da Palavra" para passar a ser um "fazedor da Palavra": em outras palavras, deixar de ter uma visão da fé como sistema de crenças internalizado para passar a ter uma fé expressa como comportamento de amor.

A fé expressa no comportamento é o "caminho sobremodo excelente" a que se refere o apóstolo Paulo em seu belo capítulo sobre o amor, em 1 Coríntios 13, que termina com "a fé, a esperança e o amor". "O maior destes é o amor", diz Paulo. A palavra grega para o amor, *ágape*, significa também caridade. A caridade é a expressão do amor. É como se fé e esperança fossem adquiridas no caminho até a segunda base em preparação para a jornada do segundo tempo, até a base final.

A terceira base significa tornar-se seguidores que expressam a própria fé na forma de um trabalho concreto em um contexto religioso, seja numa igreja ou numa organização paraeclesial. Depois disso vem o último trecho, até a base final. Nesta fase é que nos cabe tornar-nos o que Gordon Mac-Donald chamou de Construtores do Reino. Isto é, achar a missão na terra que Deus criou especificamente para cada um de nós empreender e cumprir. E o que os gregos chamavam de destino e que o poeta John Donne tinha em mente ao dizer: "Nenhum homem é uma ilha, inteira em si".

A segunda metade do quadrado do beisebol tem a ver com as boas ações. Não fica de maneira alguma separada da primeira metade, que tem a ver com a fé, mas se desprende dela, conferindo-lhe integridade. Parafraseando Tiago, "A fé sem ação é morta". Eu faria uma pequena modificação: "A fé sem ação morre". A vida de fé deve se tornar uma vida de responsabilidade individual. As pernas e as mãos devem seguir o coração e a cabeça, senão o corpo perde a integridade.

Enquanto Deus quer nos ver, todos nós, bater a bola fora do campo (o *home rim* do beisebol), a maioria dos cristãos nunca chega a superar a fase da fé. Segundo George Gallup Júnior, 84 por cento dos americanos se declaram cristãos, o que deveria ser suficiente para infundir sólidos valores bíblicos em todas as áreas da cultura. Não duvido dos dados de Gallup, mas preciso confessar que não enxergo tanta abundância de sinais da existência da fé cristã na nossa sociedade. Acredito que isto aconteça porque a maioria de nós está parada em algum lugar entre a primeira e a segunda base.

Na primeira metade da vida, mal nos sobra tempo para ultrapassar a segunda base. Somos caçadores coletores e fazemos o melhor que podemos para prover a família, avançar na carreira e transmitir aos filhos nossas crenças e nossos valores. Além disso, a maioria dos homens e certamente um número cada vez maior de mulheres se encontra, no primeiro tempo, numa modalidade guerreira. Temos a necessidade de demonstrar a nós mesmos e aos demais que podemos realizar grandes coisas, e a melhor maneira de conseguir isso é nos tornando cada vez mais focados e intensos.

Vejo o primeiro tempo como uma temporada para desenvolver a fé e aprender mais sobre a maneira única pela qual a Bíblia aborda a vida. O segundo tempo, quando a pressão diminui, parece ser mais uma estação em que a maioria das pessoas ultrapassa a segunda base e começa a *jazer* alguma coisa acerca da fé que desenvolveu. Comigo foi assim.

Na *Odisséia*, o poema épico sobre a vida de Odisseu (Ulisses), duas grandes forças puxam o herói para lados opostos: trabalho e casa. Ele deseja ardentemente voltar para casa, mas também desfruta das batalhas travadas no caminho. Você se identifica com ele? Na primeira metade da vida, nós também somos divididos entre o desejo de estarmos com a nossa família e a aventura de perseguirmos o nosso sucesso profissional. É de se estranhar, nessas condições, que não ouçamos a voz delicada que nos chama para algo melhor?

A primeira metade da vida tem a ver com adquirir e ganhar, aprender e lucrar. A maioria faz isso da forma mais ordinária: cursando faculdade, entrando na vida profissional, fundando uma família, comprando uma casa, ganhando um dinheiro suficiente para prover o necessário e também alguns luxos, estabelecendo objetivos e lutando para consegui-los. Alguns perseguem o prêmio de uma maneira mais espetacular e agressiva: participando da comissão de construção da igreja, dando aula na escola dominical ou organizando o retiro anual dos homens.

A segunda metade é mais arriscada porque está relacionada a viver além da realidade imediata. E o momento de soltar a semente de criatividade e energia que foi implantada em nós, aguando-a e cultivando-a de forma a nos tornarmos abundantemente férteis. E a hora de investirmos nossos talentos em benefício dos outros — e recebermos a alegria pessoal que vem como conseqüência daquele investimento. Este é um tipo de risco com o qual os empreendedores quase sempre obtêm lucros excelentes.

O verdadeiro empreendedor não é temerário e também não precisa ser especialmente corajoso. Ele simplesmente tenta coletar e examinar o maior número

possível de fatos, sobre o mercado e o ambiente comercial, que poderiam influenciar uma determinada decisão. Feito isso, é necessário decidir rapidamente. Da mesma maneira, para que a segunda metade da vida seja melhor do que a primeira, você deve fazer a escolha de abandonar a segurança de viver em piloto automático. Você tem de enfrentar a questão de quem você é, por que acredita naquilo que professa acreditar sobre a sua vida e o que você faz para dar significado e estrutura às atividades diárias e às relações.

Essa decisão traz consigo um risco: ao abrir mão do cobertor de segurança que o mantém seguro e quentinho em sua área de conforto cuidadosamente controlada, você poderá perder sinais e referenciais familiares. Poderá sentir, ao menos no começo, que está perdendo o controle da própria vida.

A isso eu digo: muito bom!

Realmente é bom para você abrir mão do controle e, através disso, incorporar-se mais plenamente nos seus sentidos, os sentidos que lhe permitem tomar consciência das aventuras e das recompensas da vida.

O seu futuro, especialmente em tempos turbulentos como estes, está em grande medida fora do seu controle, independentemente de todos os seus esforços para fixá-lo ou planejá-lo. Isto vale para qualquer estação da vida por que você esteja passando, mas talvez tenha ressonância especial para aqueles que estão se aproximando da meia-idade, como aconteceu comigo nos últimos dez anos.

Para mim, a transição para o entardecer da vida foi um momento para reordenar o meu tempo e o meu tesouro, reconfigurando os meus valores e a minha visão do que a vida poderia ser. Representou mais do que uma renovação: foi um novo começo. Foi mais que cair na real, foi um olhar renovado e prazeroso para dentro da câmara mais sagrada do meu coração, que me concedeu, finalmente, uma oportunidade para responder aos desejos mais profundos da alma.

E foi também, afinal, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora. Foi o período mais importante da minha vida.

Até o dia de hoje.

O escritor e diretor Norman Corwin, hoje com mais de oitenta anos, recentemente relembrou a sua transição para a meia-idade no livro *O espírito sem idade*:

Lembro-me hoje que o aniversário mais difícil da minha vida foi o dos quarenta anos. Foi um símbolo importante, porque eu disse adeus, adeus e adeus à juventude. Contudo, acho que chegar aos quarenta e seguir adiante é como quebrar a barreira do som.

Pois certamente é uma época para descobertas, como George Bernard Shaw vivenciou alguns anos antes, uma amostra da "verdadeira alegria" da vida. Ele descreveu a experiência da seguinte forma:

Esta é a verdadeira alegria da vida: ser usado para um propósito que você reconhece como poderoso, ser uma força da natureza ao invés de ser um pequeno aglomerado febril e egoísta de moléstias e mágoas, reclamando de que o mundo não se empenha em fazer você feliz. Sou da opinião de que a minha vida pertence à comunidade inteira e até o fim da minha vida será o meu privilégio fazer tudo o que puder em benefício dela. Quero acabar completamente usado quando morrer, pois quanto mais duro eu trabalhar, mais terei vivido. Regozijo-me da vida por ela mesma. Para mim a vida não é nenhuma vela curta. É uma espécie de tocha esplêndida que estou segurando

por ora, e quero fazê-la queimar com o maior brilho possível antes de entregá-la às gerações futuras.

Na introdução, pedi que vocês escrevessem o próprio epitáfio para começarem a pensar sobre o seu segundo tempo. Aí vai uma pergunta que os ajudará nesse intento:

[Se a sua vida fosse absolutamente perfeita, como lhe pareceria?]

Vale a pena refletir bastante sobre essa questão, porque a imagem que surgir dessa reflexão será como uma instantânea que o ajudará a encontrar a felicidade, a bem-aventurança. Será, porém, uma imagem adequada só quando você escutar a voz mansa e delicada que fala dentro de você.

2

A hora da conversão inversa

Alguns cristãos conhecem o momento exato da conversão. A data, o dia da semana, a hora, o minuto, o segundo, o nano segundo. Bum! Num piscar de olhos, alguma coisa aconteceu e eles estavam transformados... Renascidos... Perdoados... Salvos.

Não é a minha história. Deixo constar isso sem pesar e sem orgulho. Recebi o presente da fé em tão tenra idade que não consigo lembrar como seria viver sem ela. Com certeza, no caminho da vida me deparei com questões e com a típica confusão ao redor de certas formulações teológicas e doutrinárias, mas nunca duvidei de Deus. Sempre acreditei que Jesus é quem disse que é.

Não atingi sozinho esse estado de confiança e de segurança bem-aventurada. Não procurei o Senhor. A minha fé inabalável é um presente do Senhor, foi o Senhor que *me* achou.

Portanto, não posso relatar nenhum momento crucial, dramático ou emocional da minha evolução espiritual — com exceção de uma surpreendente experiência de conversão inversa que vivenciei aos catorze anos de idade, quando abandonei a idéia de ser clérigo, embora em nenhum momento tivesse renunciado a minha fé pessoal ou a meus compromissos.

Na adolescência, a minha família havia se mudado do estado de Oklahoma para a cidade de Tyler, no Texas, numa região de pinheiros da parte oriental do estado. Meu pai, bebedor empedernido, caçador e campeão de tiro ao prato, morrera enquanto eu cursava a quinta série, antes de nos mudarmos para o Texas. Não lembro muita coisa dele, embora recorde que bebia uísque direto do gargalo, de um jeito bem comum, como aprenderia mais tarde, naquela época de pós-guerra em que Ernest Hemingway escrevia grandes livros americanos e homens americanos machões se achavam feitos de aço temperado e indestrutível.

Meu pai não era indestrutível.

Ele deixou uma jovem viúva e três meninos, e juntos seguimos adiante. Minha mãe continuou dirigindo a emissora de rádio no Oklahoma durante um breve período, até que nos mudamos para Tyler, com a intenção de comprar e dirigir uma emissora de rádio de lá.

Minha mãe, achando-se de repente sozinha, acabou se tornando uma executiva de comunicações visionária e bem-sucedida. Ela se candidatou para a concessão do primeiro canal de televisão de Tyler, concorrendo contra o dono do jornal local e a mais proeminente família filantrópica da cidade, que evidentemente tinha seu ganhão no negócio do petróleo.

As probabilidades de sucesso eram mínimas. Ela era viúva, sozinha e quase que recém-chegada na cidade, enquanto a família do magnata local do petróleo fornecia dinheiro e liderança para praticamente qualquer causa e iniciativa assistencial na comunidade. E na cidade vizinha de Dallas, as três concessões de televisão tinham sido acordadas aos donos dos jornais da região.

Enquanto isso, minha mãe teve de ir à justiça no condado de Smith, Texas, para pleitear a remoção das "restrições". Na época, no começo dos anos 1950, a lei estadual proibia que mulheres executassem e assinassem contratos sem o consentimento do marido, a menos que um tribunal as declarasse *femme sole*, uma formulação jurídica

que significa literalmente "mulher só".

Apesar das chances reduzidas e diante de obstáculos culturais consideráveis, minha mãe insistiu e obteve a concessão para operar o canal KLTV (cuja letra K designa todas as emissoras situadas ao oeste do rio Mississípi e a letra L está por Lucille, o nome da minha mãe). A sua determinação e teimosia me deram uma lição importante, um exemplo de espírito arrojado e de fé nas próprias possibilidades. Naquela jovem idade, passei a acreditar que eu também poderia realizar quase que qualquer coisa mediante trabalho duro e perseverança.

Minha mãe, que teve dois casamentos consecutivos, com lamentável desatino em ambos os casos, vivia em função dos interesses comerciais e dos filhos. Quando me punha para dormir à noite, não lia para mim os tradicionais contos infantis. Em contrapartida, me ensinava balancetes financeiros, taxas de depreciação e estratégias de publicidade e venda. E quando pediu a concessão televisiva, declarou à Comissão Federal de Comunicações que desejava adquirir uma emissora de televisão na esperança de os filhos tomarem conta do negócio um dia.

A obstinação e a dedicação da minha mãe me produziram ao mesmo tempo empolgação e tensão: um conflito interior de gigantes entre perseguir uma vida de sucesso nos negócios ou uma vida de serviço no sacerdócio. Não consegui resolver essa tensão durante décadas, mas fiz uma escolha decisiva quando tinha catorze anos.

Lembro-me do momento como se fosse hoje, assim como algumas pessoas lembram cada detalhe das circunstâncias que atenderam à sua experiência de conversão, ou onde estavam quando souberam que o presidente Kennedy tinha sido assassinado.

O meu momento de transformação vocacional aconteceu na aula de inglês, da senhorita Mittie Marsh, na primeira série do ensino médio. Mittie Marsh era uma lenda em Tyler durante a minha juventude. Ela e as irmãs Minnie e Sarah lecionavam nas escolas públicas da cidade e viviam numa mansão na avenida South Broadway, a mesma onde os estudantes do ensino médio passeavam de carro nas noites de sexta e de sábado. Mittie Marsh e as irmãs é que estabeleciam o padrão acadêmico em Tyler. Elas eram os mentores que advertiam: "Se você não fizer direito, não vai conseguir entrar na faculdade que você quer".

Eu estava sentado na segunda fileira, bem do lado esquerdo da sala. Até hoje não sei ao certo o que foi que induziu a minha decisão, mas foi naquele instante que — Bum! — de alguma maneira eu soube definitivamente que pregar, batizar, casar e enterrar caíam fora e ganhar dinheiro como executivo de televisão ia ser o meu caminho. Fizera uma escolha lúcida e adolescente de me colocar atrás do volante de um automóvel turbinado.

Naturalmente, "lúcido" e "adolescente" são palavras que raramente aparecem na mesma página, que dirá lado a lado na mesma sentença, e a televisão na época dava os primeiros passos e ninguém a considerava uma ameaça séria aos hábitos de lazer consolidados dos americanos, de leitura, conversação e escuta radiofônica. Contudo, como eu saberia dessas coisas? Eu era apenas um estudante, mal começando a florescer na primavera da vida. O mundo dos negócios — especialmente na tecnologia nova e atraente da televisão — parecia um esporte fabuloso, com a promessa de mais dramas e mais conquistas do que eu poderia imaginar.

E francamente, queria ser o batedor que no final do nono (último) *inning* do jogo de beisebol fosse bater a bola fora do campo, garantindo a vitória do time. Decisivo. Heróico. Foi uma escolha determinante que preparou o terreno para muitas estações futuras da minha vida.

Ainda tenho paixão pelo esporte do negócio televisivo — a concorrência, as estratégias, as conquistas. Um executivo conhecido meu (que mais tarde suicidou-se) chamava este negócio de "o maior esporte do mundo". Sei exatamente o que ele queria dizer, porque eu também achei indescritivelmente apaixonante medir a competição, manter a pontuação, vencer, vencer e vencer. Ainda acho vitalizador ser um jogador conseqüente. E também acredito que as organizações humanas fornecem o melhor ambiente de aprendizado e os maiores desafios intelectuais, muito mais do que decorar fatos de um livro. Aquilo que aprendemos no ensino formal é potencializado da melhor maneira através da experiência, e a minha experiência no negócio da televisão me ensinou muita coisa sobre o que é preciso para ser um vencedor no jogo do sucesso.

Contudo, hoje reconheço que existem outros jogos que são jogados em muitos campos. E aprendi que há outras maneiras de vencer, além de dominar a corrida do Ibope e acumular pontos mediante a aquisição de novas fatias de mercado e a expansão dos lucros.

Essa lição valiosa me foi revelada — como talvez já tenha sido para você, ou provavelmente será um dia — lentamente, pela observação descomplicada e o simples suceder-se das estações da vida. Começou a infundir-se no meu coração de maneira significativa — infiltrando-se no espaço em que as minhas decisões vinham sendo tomadas — aproximadamente há duas décadas, quando estava realizando grandes façanhas nos negócios e além disso, muito pouca coisa.

Foi a gênese de uma reavaliação resoluto e refletida da incrível experiência de conversão inversa que tinha chegado a mim como um relâmpago naquela sala de aula do primeiro ano do ensino médio, quando lançara mão de sonhos lúcidos no meio da névoa da juventude.

Comecei a pensar no que iria fazer acerca daquilo em que acreditava.

3

Uma estação de busca e auto-ajuda

Tudo tem seu tempo determinado (...) tempo de buscar e tempo de perder.
Eclesiastes 3:1,6

Uma máxima querida da teoria econômica do *supply-side* (a teoria econômica orientada para a oferta) afirma que, ao subir, a maré levanta todas as embarcações no oceano. Não é todo o mundo que concorda com essa teoria. Na área em que atuo, o setor televisivo, não foi nada menos que uma onda de maré comercial e cultural que atravessou os Estados Unidos nos anos 1960 e 1970. O setor se converteu num colosso de lazer e informação, mudando o comportamento das pessoas e seu inter-relacionamento.

A minha embarcação foi levantada.

Walter Cronkite, jornalista televisivo do canal CBS, hoje aposentado, não se limitou a alcançar reconhecimento mundial em nome e em rosto. O "tio Walter", como chegou a ser chamado, também galgou os primeiros lugares de uma lista dos homens mais confiáveis da América, pelo poder da televisão de conferir autoridade e celebridade, como costumava acontecer — e em larga medida ainda ocorre.

Como você pode imaginar, foi uma época particularmente afortunada e lucrativa para se encontrar no setor da televisão comercial. Ao longo de três décadas, em que o domínio da minha família se expandiu da primeira emissora de TV em Tyler até uma pletera de sistemas de TV a cabo em diversas regiões do país, Buford Television cresceu a uma taxa de 25% ao ano.

Há muitos anos aprendi do especialista em gestão Peter Drucker que para possibilitar um crescimento comercial constante ano após ano, os dirigentes da empresa precisam ser loucos, corruptos ou abertos às mudanças baseadas no crescimento da empresa e nas oportunidades e desafios trazidos pela expansão. Pois bem, o setor televisivo nos deu uma carona maravilhosa de 1954 até 1986. Pouquíssimos setores industriais e comerciais tiveram um período de crescimento ininterrupto semelhante ao que nós do setor televisivo vivenciamos durante esses anos.

O crescimento sólido e até mesmo espetacular de Buford Television dependeu, entretanto, em certa medida, da aceitação de mudanças judiciosas. Em meados dos anos 1980, por exemplo, a propriedade de emissoras individuais tinha deixado de ser comercialmente interessante. A maioria das pessoas podia ver entre 35 e 55 canais mediante uma conexão via cabo.

Buford Television se desfez das emissoras de televisão e optou resolutamente pelo setor de TV a cabo.

Os negócios, como a vida, são sazonais. As circunstâncias mudam. Uma empresa, assim como uma pessoa, precisa mudar de enfoque de vez em quando, para ter um crescimento saudável.

Ainda me lembro dos pitorescos primeiros dias das transmissões do programa "Monday Night Football", em que "Dandy" Don Meredith, ex-jogador do time de futebol americano dos Dallas Cowboys, comunicava ao público que o jogo estava decidido, mesmo vários minutos antes do fim do jogo. "Apaguem as luzes", dizia em seu forte sotaque do Texas, "a festa acabou". Embora aprecie a sabedoria da velha sentença que diz que é melhor ter sorte que esperteza, acredito que o melhor é ter a inteligência de

perceber quando a festa acabou e que está na hora de passar ao próximo evento.

Passei a ocupar a cadeira de presidente da empresa e me tornei o membro mais velho da minha família quando a minha mãe morreu num incêndio que destruiu seu quarto de hotel no centro de Dallas. Minha mãe me ensinara muitas coisas sobre os negócios e sobre a vida. Ela era, como muitas pessoas responsáveis por grandes realizações, uma mulher de grandes fortalezas e também de grandes fraquezas.

Era arriscada e determinada, dedicada a conseguir o sucesso nos negócios e também a me criar infundindo-me os dons da auto-estima e da confiança em mim mesmo. Quando estava no colegial, ela me apresentava, em todo lugar aonde íamos, como "o melhor defensor esquerdo do mundo", em referência inexata ao meu papel no futebol americano. A verdade é que na primeira série do ensino médio eu jogava na reserva, como substituto de um defensor esquerdo realmente muito bom. No ano seguinte, passei a jogar de fato como defensor esquerdo, mas sinceramente eu era apenas adequado como jogador de futebol americano. Ainda assim, eu adorava ouvir minha mãe me apresentando daquela forma, e as suas palavras me brindavam afirmação e inspiração.

Contudo, minha mãe era também ingênua e muitas vezes indisciplinada — fraquezas que sem dúvida contribuíram para as decepções e a dissolução dos seus últimos casamentos. Jurei que eu iria evitar esses percalços.

Apesar de ter trabalhado no negócio familiar desde a minha formatura, a morte da minha mãe deu início a uma nova estação da minha vida: novas responsabilidades, novas escolhas, novos sonhos. Era a hora da próxima geração, que chegou numa época de imensas sublevações sociais. A vanguarda dos *baby boomers* (os nascidos no período de expansão demográfica dos anos 1960) estava entrando na faculdade e na força de trabalho. A guerra do Vietnã parecia não ter fim. Richard Nixon planejava a reeleição, e o escândalo de Watergate estava prestes a acontecer.

As perturbações sociais não me deixavam indiferente, mas a minha prioridade estava no crescimento dos negócios e no pessoal. Na época, me atraíam particularmente os livros e as fitas de auto-ajuda e de aprimoramento pessoal. Lia tudo o que Peter Drucker tinha escrito. Fiz o curso dos Presidentes da Associação Americana de Gestão Empresarial. Participei do Programa Proprietário / Gestor da Harvard Business School, um pacote intensivo de nove semanas que condensava os elementos principais do currículo do MBA.

Sem recorrer às drogas de "expansão da mente", que eram populares na época, visualizava os meus sonhos. Sabia que à custa de um esforço coordenado da vontade eu poderia realizar aquilo que conseguisse vislumbrar e em que acreditasse. Era esse o meu credo, o meu mantra. Deixei de lado Woodstock e tentei esquecer as mazelas da Casa Branca e as dúvidas sobre a confiabilidade de qualquer pessoa de mais de trinta anos de idade. Eu acreditava firmemente que podia moldar a minha vida através dos meus sonhos e dos desejos do meu coração.

O único elemento da minha personalidade que me preocupava nem que fosse por um instante era uma dúvida passageira sobre o grau da minha intensidade e determinação em relação aos negócios. Eu sentia que esse enfoque radical poderia me custar caro em outras áreas da vida. No meio da empolgação de estar efetivamente dirigindo uma empresa e colhendo as recompensas do sucesso, uma pergunta me cutucava num canto da mente: *O que você poderia estar perdendo com todos esses ganhos?* Evidentemente, a vida tinha de encerrar algo mais do que apenas negócios.

Ainda assim, pouco tempo depois de assumir a direção da empresa, fui para um esconderijo com um bloco de papel e embarquei numa rigorosa avaliação profissional e pessoal que possibilitaria mudanças de rumo.

A pergunta que dirigi a vocês no primeiro capítulo fiz a mim mesmo:

[Se a minha vida fosse absolutamente perfeita, quais seriam os seus elementos?]

Eu tinha 34 anos na época e foi a primeira oportunidade que agarrei na vida de refletir profundamente sobre o que mais realizar e ser. As respostas me permitiriam vislumbrar' eu deveria viver. Escrevi seis objetivos:

1. Fazer com que a empresa crescesse 10% ao ano.
2. Ter um casamento vital com a minha mulher Linda e continuar casado com ela até a morte nos separar temporariamente.
3. Servir a Deus servindo aos outros: acumular um tesouro no céu ensinando e aconselhando no tempo livre na igreja que freqüentávamos, ou em qualquer outro lugar onde tivesse permissão e encorajamento para fazer uso dos meus talentos.
4. Infundir um alto grau de auto-estima no nosso filho, Ross. Eu acreditava que isso seria a melhor maneira de prepará-lo para quaisquer circunstâncias com que deparasse na vida. Avaliava o meu desempenho como pai não tanto pelas suas notas escolares ou vitórias esportivas, mas principalmente pela medida em que o meu filho se sentisse bem consigo. Uma parte importante disso era infundir-lhe uma fé fundamentada em algo confiável, que estivesse além dele mesmo.
5. Crescer cultural e intelectualmente, em sentidos que de alguma forma tinham fugido de mim nos meus anos de faculdade.
6. Decidir o que fazer com o dinheiro que estava ganhando e determinar quanto seria suficiente. Resolvi investir o dinheiro que não utilizava ou de que não precisava na causa mais nobre que pudesse imaginar. Qual seria essa causa?

Esses seis objetivos foram a maneira pela qual consegui dar sentido ao que estava fazendo na minha vida. Enfoquei quase que exclusivamente essas áreas e eliminei tudo o que não se encaixava nelas. A grande diferença em relação ao meu prévio enfoque radical no crescimento da empresa foi que tinha introduzido um elemento de equilíbrio na minha vida: os últimos cinco objetivos definiam o que era importante para mim. Eles respondiam à pergunta: “O que perderei com todos esses ganhos?” Queria ter certeza de que não estava trocando algo que considerava sem preço — o amor por minha mulher, a auto-estima do meu filho, a oportunidade de ampliar os meus horizontes aprendendo e a expressão da minha fé através de uma vida de serviço — por algo que já possuía em sobreabundância: dinheiro, poder e realização.

A lista não era então e não é hoje uma relação completa dos meus objetivos de vida. Contudo, era suficiente para engajar-me numa busca dos comprometeros e das paixões essenciais que poderiam me ajudar a entender a mim mesmo.

Eu era um jogador do primeiro tempo que estava começando a vislumbrar o segundo tempo.

O pânico do sucesso

Chegou sorrateiramente como um ladrão à noite: um intruso silencioso molestando a paz das trevas, furtivo, enquanto mexia no acervo de uma vida que derramava satisfação, dinheiro, realização e energia. O “pânico do sucesso” passou o limiar da porta da minha casa quando eu tinha 34 anos. Golpeou-me com um objeto: a minha devoção servil à arte da barganha e a excitação da matança. Quando tudo isso teria fim?

Nesse momento, o negócio da televisão tinha crescido além de nossas previsões mais otimistas. Por causa disso, havia muito tempo que eu atingira e, de fato, superara as metas fixadas para acumular riqueza.

Eu tinha um Jaguar. Podia viajar para qualquer lugar que quisesse, e o fazia. Também atingira ou superara os alvos planejados para quase todos os outros objetivos.

O pânico do sucesso chegou totalmente inesperado. Lembro de ter lido num livro do *Sierra Club*¹ sobre o ataque ao espigão ocidental do monte Everest. Depois de gastar milhões de dólares e perder a vida de alguns companheiros de expedição, dois homens conseguiram conquistar o topo do Everest. Ali, no cume da montanha, viram o mundo do ponto mais alto. Tiveram de superar obstáculos imensos para chegar ao destino, o objetivo máximo, porém a emoção que sentiam não era só de alívio, mas de alegria. Poucos minutos depois, um deles começou a se preocupar sobre como desceriam antes que o vento os varresse do topo.

Na mentalidade do primeiro tempo, o esforço para chegar ao ápice é mais emocionante e satisfatório que o próprio chegar.

Quando o pânico do sucesso me atingiu, levou-me a um cruzamento que demorara muito tempo para alcançar, me forçando a considerar uma série de decisões importantíssimas antes de empreender qualquer outra coisa:

- Eu iria colocar a linha de chegada mais adiante, para poder continuar na corrida e medir o tempo gasto para completar cada novo trecho?
- Dar-me-ia a permissão de estar aberto para novas possibilidades?
- Poderia ter uma crise de meia-idade construtiva?
- Depois do sucesso, o quê?

Eram perguntas difíceis de enfrentar devido ao apego aos negócios e à consciência que tinha de minhas qualidades empresariais e de liderança desenvolvidas durante a carreira profissional. A arena dos negócios era o lugar onde eu provava meu valor — e a minha sabedoria — todos os dias; era o palco onde podia demonstrar meus talentos e minha esperteza. Era um mundo confortável para mim, não apenas por ser familiar, mas também por ser um mundo que esperava que eu fosse exigente, e não amoroso. Era mensurável.

Francamente, eu estava com medo da idéia de voltar a me dedicar ao trabalho da igreja e do serviço: aqueles antigos desejos, nunca totalmente esquecidos, de me dedicar ao sacerdócio que tinham me assoberbado quando criança.

¹ Um dos mais antigos e mais efetivos grupos de conservação da América.

O sacerdócio, como eu sempre o entendera, era amoroso, mas não muito exigente: o exato contrário do mundo real que fora minha muito alegre moradia por quase 25 anos. Parecia por demais macio, bonito, fora deste mundo, difícil de ser medido.

Ainda por cima, todos os meus amigos me encorajavam fortemente a permanecer à frente de uma empresa de sucesso. Porém, como aconteceu com Elias, a voz mansa e delicada — quase inaudível, sempre suave — continuava me chamando enquanto ficava sentado ali, num suor frio de meia-idade causado pelas chamas ainda rugientes do meu sucesso.

A voz mansa mas insistente me pedia que reconsiderasse nada menos que uma pergunta que eu tinha adiado e suprimido durante toda a minha vida adulta:

[Você percebe a diferença entre ser chamado e ser impelido?]

Em simples palavras, eu tinha chegado ao ponto em que teria de tomar outra decisão fundamental. Como quase todas as decisões na vida real, não se tratava de uma opção radical entre preto e branco, indulgência e rigor, liderança e servilismo, e sim de algo que se encontraria na área cinza entre esses extremos polares. Entretanto, enfrentar essa pergunta apenas serviu para enfatizar o preço e a glória de assumir o compromisso de pôr em ação na minha vida as minhas crenças mais essenciais e os meus comprovados talentos.

Foi mais um episódio útil na minha busca por sentido, que me preparou para a iminente indagação dentro de mim mesmo, a investigação que iria me ajudar, finalmente, a desvendar a fonte da minha satisfação e dos meus desejos. Pois foi essa pergunta que me fizera inquirir o que poderia estar perdendo com todos esses ganhos.

A minha preocupação era a de me tornar viciado em sucesso. É uma zona delicada e perigosa a interface entre sucesso e sentido: obter o máximo de sucesso sem se tornar refém dele, sem ser aprisionado por ele. Manter o sucesso em posição subalterna, evitando sucumbir a ele. É uma tensão semelhante à cena de *Atração fatal* em que Michael Douglas está sentado frente a Glenn Close, sabendo que a mulher dele estará viajando durante todo o final de semana e enlouquecendo de desejo. Ele está no limiar entre se manter mestre do seu desejo e cometer um ato que o tornará escravo.

Ele optou por ser escravo, e eu sabia que estava na hora de fazer a minha própria escolha.

Localizando o princípio motor

Na minha hora de maior necessidade, a graça de Deus me levou a um ateu.

Mike Kami é consultor de planejamento estratégico. Ele é brilhante, exigente, intuitivo. Ele põe de lado todas as pretensões e as máscaras e logo percebe a essência das coisas. Consulente principal de recursos da Associação Americana da Indústria, Kami já foi diretor de planejamento estratégico da IBM, durante os anos de crescimento vertiginoso dessa empresa. Sucessivamente, a companhia Xerox o convenceu a deixar a IBM para trabalhar com eles e repetir o mesmo desempenho. Ele é independente, iconoclástico e impiedoso em suas análises.

Não acredita em Deus mas eu posso testemunhar que — ao menos na minha vida — Deus se manifestou sem sombra de dúvida no trabalho de Mike Kami.

Eu estava acostumado a elaborar planos estratégicos periódicos para a minha empresa. Esses planos eram o referencial para que nós na empresa pudéssemos medir a nossa eficácia em realizarmos os nossos sonhos comuns. Eles eram fáceis de serem produzidos e, na maioria das vezes, era divertido pô-los em prática.

Entretanto, agora a situação era essencialmente diferente. Eu precisava elaborar um plano estratégico para *mim*. Peguei os meus sonhos e desejos embaralhados, listas de pontos fortes e pontos fracos, profissões de fê, projetos iniciados e semi-iniciados, coisas para fazer e coisas para desistir de fazer. Eu estava feito um embrulho de ambições complementares e conflitantes, uma cacofonia de árias e gorjeios barulhentos do tipo que se escuta quando os músicos da orquestra estão se aquecendo para o concerto e afinando os instrumentos.

O que deveria fazer? Como poderia ser o mais útil possível? Onde deveria investir os meus talentos, o meu tempo, o meu tesouro? Quais são os valores que dão sentido à minha vida? Qual é a visão suprema que me dá forma? Quem sou? Onde estou? Aonde estou indo? Como irei chegar lá?

Neste furacão de perguntas, Mike Kami me fez uma pergunta simples e penetrante:

[O que há na caixa?]

Quando pedi que se explicasse melhor, Mike relatou uma experiência que tivera com um grupo de executivos da Coca Cola e com o plano deles de introdução da "Nova Coca Cola". Os líderes corporativos disseram a Mike que o princípio motor e a fonte de sucesso da empresa deles era "sabor excelente". Fizeram muitos testes de sabor, encontraram uma nova fórmula com um sabor melhor do que a Coca Cola original, dali a pouco introduziram a "Nova Coca Cola" — e imediatamente sofreram uma das maiores derrotas de marketing de todos os tempos.

Chamaram Mike de volta para outra sessão de planejamento. "Vocês devem ter colocado na caixa a palavra errada", disse ele. "Vamos tentar de novo." Algumas horas depois, eles acharam algo diferente para colocarem na caixa: "tradição americana".

Os executivos reconheceram que retirar a Coca Cola original do mercado equivalia a mexer com uma verdadeira instituição americana, como o amor-de-mãe ou a torta de maçã. Tendo encontrado a palavra certa para colocar na caixa, a empresa conseguiu se recuperar rapidamente daquela pisada de ovos monumental.

Quanto a mim, enquanto procurava a palavra certa para colocar na caixa,

expliquei a Kami que estava aberto a novas empreitadas e possibilidades. Disse a ele que havia compreendido gradualmente que não precisava ser um profissional da religião ou um sacerdote ordenado para fazer jus às minhas convicções cristãs, e o adverti de que eu estava mesmo determinado a transferir ao menos uma parte da minha energia da condução dos negócios para um campo não muito bem especificado de “serviço”. O que provavelmente representava uma advertência dirigida também a mim mesmo.

Pois bem, Kami tomou as minhas palavras ao pé da letra. Explicou que não conseguiríamos elaborar um plano honesto para a minha vida antes de eu identificar o princípio motor dela. “Estive ouvindo você umas duas horas”, disse, “e vou lhe perguntar o que está na caixa. Para mim, ou é o dinheiro, ou é Jesus Cristo. Se você puder me dizer qual desses dois, vou lhe dizer quais são as implicações dessa escolha em termos de planejamento estratégico. Se não puder me dizer, irá continuar oscilando entre esses dois valores e permanecerá confuso”.

Ninguém tinha me feito uma pergunta tão significativa como essa de uma forma tão direta. Depois de poucos minutos (que pareceram horas), eu disse: “Bem, se tiver de escolher uma das duas, vou colocar na caixa Jesus Cristo”.

Foi um ato de fé e representou um desafio assustador para estar aberto às mudanças e à aventura. Mais do que isso, *foi um compromisso para fazer alguma coisa com a fé que eu já possuía*. Reconhecendo Cristo como sendo a minha luz guia, tinha invocado a promessa de que ele iria guiar as minhas andanças, onde quer que elas me levassem.

A nossa sessão de planejamento aconteceu num lugar paradisíaco da Califórnia. Minha mulher, Linda, estava conosco, para poder se envolver nas discussões e no planejamento. Nem eu nem ela tínhamos plena noção de onde exatamente nos estávamos metendo e ambos estávamos bastante apreensivos.

Kami nos impulsionou sem trégua, e com êxito. Descobri que colocar Cristo na caixa é na verdade um sinal de contradição, um paradoxo. Significa quebrar as paredes da caixa e permitir que o poder e a graça da sua vida invadam todos os aspectos da nossa vida. E uma escolha que obedece à mesma lógica maravilhosamente invertida da antiga sentença pela qual é dando que se recebe, a fraqueza é a força e morrendo nascemos numa vida mais rica.

Tinha escolhido fazer de Cristo a minha primeira lealdade, mas não a minha lealdade exclusiva. Era uma distinção importante, pois ainda tinha lealdade para com Linda, o trabalho, os amigos e os projetos. Cristo é o centro de tudo isso, mas não se oporia a essas outras coisas que me dão equilíbrio e plenitude.

Para mim, a lógica desta lealdade me levou a manter a minha ligação com a empresa, trabalhando na retaguarda como presidente do conselho e dedicando mais ou menos vinte por cento do meu tempo a definir a visão e os valores da empresa, escolher os executivos principais, estabelecer padrões e monitorar o desempenho. Os outros oitenta por cento do meu tempo ficam por conta de uma pletora de outras atividades, a maioria das quais envolve treinamento de liderança para igrejas e outras organizações não-governamentais: servindo quem serve os outros, ajudando-os a serem mais eficazes no seu trabalho.

Vou ser honesto com vocês: ainda tenho uma cobertura na cidade, uma chácara luxuosa numa fazenda no Texas oriental e um carro Lexus novinho. Não acredito que faça parte do meu “chamado” assumir um estilo de vida radicalmente diferente daquele que tem sido o meu durante toda a minha vida. Muitas pessoas evitam assumir os riscos envolvidos na busca por um segundo tempo melhor porque acreditam por engano que isto implicaria uma mudança radical de estilo de vida.

Entretanto, eu acredito que Deus nos criou como somos e nos permitiu viver como vivemos porque tinha um propósito nisso.

Em relação a isso, o que *fazemos* com aquilo em que acreditamos é uma consequência da nossa história, e a minha história não foi nem missionária nem monástica. Acredito sinceramente que Deus usa as pessoas nas áreas em que elas são mais fortes e é improvável que ele queira nos mandar para áreas em que não passaríamos de diletantes incompetentes.

Sou consciente de que não é todo mundo que pode dedicar apenas vinte por cento do próprio tempo à vida profissional. Entretanto, não deixe que a necessidade de trabalhar para pagar as contas seja um fator limitante da graça que Deus tem reservada para você no segundo tempo. Não deixe que a segunda metade da sua vida seja caracterizada por declínio, tédio e uma eficácia cada vez menor no seu trabalho em prol do Reino.

Ouçã com atenção aquela voz mansa e delicada e faça uma indagação honesta dentro da sua alma. O que tem na *sua* caixa? E dinheiro? Carreira? Família? Liberdade?

Lembre, você pode ter apenas uma única coisa dentro da caixa. Independentemente de qual seja a sua posição na vida, uma vez que tiver identificado o que tem na sua caixa, conseguirá enxergar o conjunto de atividades — acompanhadas de momentos tranquilos para disciplinas espirituais, leitura e reflexão — que engajam aquela sua “única coisa” e mantêm você numa trajetória de crescimento.

Entretanto, fique esperto. Crescer nem sempre é fácil.

“Adeus, Ross”

Eu estava, pois, navegando feliz pela minha crise de meia-idade construtiva, hasteando a minha “única coisa” no mastro da embarcação, as velas inchadas por uma brisa aprazível. Nessa hora, sem aviso, veio ao meu encontro uma onda velhaca, que virou o barco.

Eu tinha vivido a minha vida mais ou menos em paz com a idéia de que existem coisas que você sabe, coisas de que você desconfia e coisas que você simplesmente nunca irá compreender. Ninguém menos que o próprio Aristóteles lidou com o assunto quando afirmou que a alma opera em dois níveis: o racional, que apreende o que pode ser visto e medido, e a esfera além do racional, que desafia a compreensão humana e pertence ao domínio dos deuses. Este fato novo, porém, ainda ameaçava jogar-me noutra dimensão: o campo dos desesperados.

Meu filho Ross — nosso único filho — era um rapaz de muita promessa. Era meu herdeiro, meu sucessor e, de maneira que podem parecer estranhas a vocês, mas inteiramente reais para mim, um de meus maiores heróis.

Depois de se formar na Universidade Cristã do Texas em Fort Worth, Ross se mudou para Denver para começar a trabalhar num banco de investimento. Seria uma preparação para sucessivamente voltar para o Texas, onde entraria na empresa familiar e aos poucos iria assumir posições de responsabilidade e liderança. No primeiro ano de trabalho ganhou 150 mil dólares, e no segundo ano, que só chegou a começar, poderia facilmente ter superado os 500 mil dólares de renda. Nesse ramo de atividade, havia muito dinheiro para se ganhar no fim dos anos 1980. Entretanto, muito mais importante do que seus sucessos financeiros é o fato de Ross ter sido um ser humano bom — determinado, enérgico, sensível —, com talentos maravilhosos nas relações interpessoais. Ele tinha muitos amigos e adorava a vida com todos os seus prazeres e suas ambiguidades.

Na noite de 3 de janeiro de 1987, recebi uma ligação de meu irmão Jeff, que me disse que Ross e dois amigos tinham tentado atravessar a nado o Rio Grande, que separa os Estados Unidos do México.

“Parece-me que a coisa está feia”, advertiu Jeff com uma voz que não deixava lugar para dúvidas. “Ross está desaparecido no Rio Grande”.

O que levou os três rapazes a mergulharem no Rio Grande foi uma brincadeira: queriam provar a experiência dos imigrantes clandestinos que atravessam a fronteira de água para passar à terra prometida. Ross tinha 24 anos e foi a última aventura dele nesta vida na terra.

Meu irmão me informou que os Texas Rangers estavam coordenando a busca por Ross e por um de seus companheiros; o terceiro rapaz estava vivo e desesperado quanto ao destino dos amigos. Peguei um avião até o Vale do Rio Grande para tomar parte na busca, chegando no alvorecer do dia seguinte. Aluguei aviões, helicópteros, barcos, agentes com cães farejadores: tudo o que o dinheiro podia comprar.

As três da tarde olhei nos olhos de um dos buscadores e compreendi que nunca mais veria Ross nesta vida.

Lembro que andei na cima de um penhasco rochoso talvez setenta metros acima das águas turvas e traiçoeiras do rio, mais assustado que em qualquer outro momento da minha vida. *Isto é algo que você não pode afastar com um sonho*, disse para mim

mesmo. *Isto é algo de que você não pode fugir com o pensamento, com o dinheiro, com o trabalho.*

Tudo estava evidente demais nessa solidão enlouquecedora no penhasco sobre o rio. *Isto, pensei, é algo que você pode apenas confiar que irá superar.*

O incompreensível estava estalando ao meu redor e não havia nada que me ajudasse a compreendê-lo que não fosse uma perspectiva eterna. Albert Einstein certa vez disse que “o que é incompreensível está além do domínio da ciência. Está no domínio de Deus”. O que tinha acontecido estava verdadeiramente no domínio de Deus.

Lembro ter dito uma oração que, retrospectivamente, me parece ser o pedido mais inteligente que eu já fiz aos céus: “Meu Deus”, implorei, “de alguma maneira, dê-me a capacidade de aceitar e absorver qualquer bênção que as pessoas possam me trazer nesta hora terrível. Amém”.

A busca por Ross e seu amigo continuou, e as bênçãos foram abundantes na minha vida e nas minhas relações. Encontraram o corpo de Ross na primavera, mais de quatro meses depois, quinze quilômetros abaixo do lugar da tragédia. Antes disso, tínhamos encontrado na mesa dele, na casa de Denver, uma cópia manuscrita de seu testamento, datado de 20 de fevereiro de 1986, menos de um ano antes do desaparecimento. Durante o longo inverno de medo e incerteza, suas palavras também foram uma bênção para mim.

“Bem, se você está lendo o meu testamento é porque, obviamente, estou morto”, iniciava Ross. “Como será que terei morrido? Provavelmente de repente, senão teria tido tempo para reescrever isto. Embora eu esteja morto, acho que uma coisa deveria ser lembrada, isto é, que eu fiquei superbem durante todo esse tempo. Mais importante, é preciso ressaltar que agora estou num lugar melhor.”

O testamento indicava como queria que seus bens fossem distribuídos, e Ross concluiu o documento com esta bênção: “Concluindo, eu amei a todos vocês e lhes agradeço. Vocês fizeram da minha vida uma vida fantástica. Vão para cima, não para baixo, e eu estarei esperando por vocês na porta do céu. E só procurar o cara de velha calça cáqui, chapéu de *cowboy* e camisa gasta, com óculos *RayBan* e um sorriso à Jack Nicholson. Também dou graças a Deus por ter a oportunidade de escrever isto antes de falecer. Obrigado. Adeus, Ross”.

Com todo o horror e a tristeza que representou e representa para mim tê-lo perdido, o desaparecimento e a morte de Ross também me trouxeram os melhores momentos de rara percepção e os maiores gestos de bênção e alegria imensuráveis da minha vida. O vazio e a quebra, incondicionais, me deixaram com sentimentos ao mesmo tempo horríveis e maravilhosos. Abraços estreitos e silenciosos de amigos, cartas e ligações cheias de interesse humano e de empatia e refeições caridosas preparadas e trazidas até a nossa casa foram sinais de amor muito necessários. Uma carta, em especial, nos mostrou o quanto a vida de Ross tinha sido uma testemunha para os que estavam perto dele:

Prezados sr. e sra. Buford,

Ross e eu éramos grandes amigos. Tudo o que tinha, Ross dividia comigo. Dividia seus pensamentos e suas idéias, suas alegrias e suas dores; dividiu muitas risadas. Mais importante de tudo, dividiu o seu amor.

Agora Ross tem um novo grande amigo, com quem está neste momento. Entretanto, assim como antes, Ross continua compartilhando. Hoje, está compartilhando seu novo grande amigo com o seu antigo grande amigo.

Dou graças a Deus por Ross e agradeço a Ross por Deus...

Ronnie

Apesar do conforto que essas palavras trouxeram, tive de me apoiar em Deus completamente nessas semanas terríveis após a morte de Ross, muitas vezes lembrando o versículo da Bíblia “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento”. Aprendi que Deus é de fato suficiente e a sua força se torna perfeita na fraqueza. Aprendi que na minha vida na Terra eu vivo como:

Um peregrino que não está no controle
Um Guia que não é proprietário
Um soldado que não tem segurança

Existe uma oração simples dos Quakers sobre dar e receber que pronunciei na noite depois de perder Ross e que ainda hoje utilizo com frequência. Como os Quakers usam as mãos como um tipo de artefato ou símbolo religioso, a primeira parte da oração se faz com as palmas para cima, visualizando-se no ato de receber tudo o que se precisa de Deus. A segunda parte se faz com as mãos voltadas para baixo, visualizando todas as próprias tristezas e preocupações sendo depositadas no colo de um Deus benevolente e amoroso.

Recorri a esta oração física quando tomei a palavra numa igreja duas semanas e meia após o enterro de Ross.

“Deus”, falei, com as mãos voltadas para cima, “Tu puseste a minha vida nas minhas mãos. Eu a devolvo. O meu tempo, os meus bens, a minha vida mesma... sabendo que ela é apenas um instante se comparada com a minha vida contigo (e com Ross) na eternidade”.

Voltando as palmas para baixo, continuei: “Pai, deposito em ti as tristezas e as preocupações deste mundo, sabendo que me amaste o suficiente para entregares teu único Filho por mim. Sou um pecador que precisa de um Salvador e, mais uma vez, aceito o que fizeste para mim como sendo suficiente. Em nome de Jesus. Amém”.

Em sua carta aos romanos, Paulo escreveu uma mensagem de conforto que deu coragem a milhões de fiéis angustiados, desesperados e quebrados, durante séculos: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8:28). Realmente, todas as coisas cooperam, mas unicamente numa perspectiva eterna.

Eu moro em dois mundos. Um é o mundo da agitação e dos negócios. É o mundo da barganha e da contagem dos pontos, da bolsa de valores em alta vertiginosa ou despencando precipitadamente. Este mundo é como uma nuvem: irá perecer. O outro mundo em que moro é aquele onde Ross está agora: o mundo da eternidade. E a realidade desse segundo mundo que me permite responder com confiança: “Adeus, Ross, *por enquanto*”.

Esta perspectiva eterna me fez voltar, com enorme consolação, à paixão eloqüente de George Bernard Shaw pela vida e ao seu conceito da responsabilidade de consumi-la todos os dias. “Me regozijo da vida por ela mesma”, escreveu ele. “Para mim a vida não é nenhuma vela curta. É uma espécie de tocha esplêndida que estou segurando por ora, e quero fazê-la queimar com o maior brilho possível antes de entregá-la às gerações futuras”.

Um motivo que tenho para incluir o meu caro Ross numa breve lista de grandes heróis é porque apesar da jovem idade ele não era nenhuma vela curta. Ele era uma tocha esplêndida — vital, carismática, magnética, atrativa — cheia dos atributos que todos gostaríamos de ter em maior abundância. Ross usou seus talentos plenamente. Ele não foi avarento consigo mesmo, mesmo sendo tão poucos os seus dias. A morte de Ross, mesmo trágica, foi uma inspiração para que eu queime com muito brilho enquanto ainda é de dia.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Arte de Virar o Jogo no Segundo Temp..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).